



Semissimbolismo como estratégia didática na Semiótica Visual

Thiago Moreira Corrêa*

Resumo: Ao longo das pesquisas semióticas, os modelos teóricos ligados ao plano da expressão não obtiveram o mesmo desenvolvimento que o plano do conteúdo. Enquanto o percurso gerativo do sentido possui flexibilidade ao integrar fatores concretos (nível discursivo) e abstratos (nível fundamental) em um mesmo modelo, o plano da expressão ainda carece da mesma versatilidade. A partir dessa configuração metodológica, verificamos na semiótica plástica proveniente das investigações de Jean-Marie Floch e na semiótica tensiva desenvolvida por Claude Zilberberg os problemas enfrentados para a constituição de um modelo mais conforme ao plano do conteúdo. A partir de Tatit (2014), procuramos mostrar a disjunção dessas duas abordagens sobre o semissimbolismo em função das premissas hjelmslevianas de empirismo (exaustividade, não-contradição e simplicidade), de arbitrariedade e de adequação. Logo, a abordagem flochiana, ligada ao objeto, seria menos arbitrária e mais adequada, ao passo que a semiótica tensiva, ligada à estrutura, seria mais arbitrária e menos adequada. Portanto, busca-se na exposição dessas diferenças uma estratégia didática que desenvolva as habilidades de abstração do aluno a fim de proporcionar-lhe as bases para o desenvolvimento de competências ligadas à análise textual e à avaliação do próprio modelo semissimbólico na semiótica.

Palavras-chave: semissimbolismo; ensino; metodologia; semiótica visual.

Considerações iniciais

A teoria semiótica de linha francesa consolidou-se como uma teoria do conteúdo linguístico, sobretudo, da narratividade. Textos literários foram frequentemente empregados nas análises que confirmavam um modelo científico da narrativa. No desenvolvimento da teoria semiótica, outros objetos passaram a ser investigados, trazendo desafios para a ciência. E é a partir dos anos de 1980 que os textos plásticos começam a ser abordados sistematicamente por uma teoria ainda incipiente para tratar dessa questão.

A busca por um modelo isomórfico no plano da expressão, tal qual foi concretizado no plano do conteúdo, tornou-se uma meta. Contudo, o conteúdo sempre foi a linha principal de pesquisa na semiótica e o plano da expressão não chegou a ter a mesma atenção investigativa; conseqüentemente, não se chegou a

.DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.157125.

* Doutor em Semiótica e Linguística geral pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. Endereço eletrônico: thiago.moreira.correa@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7474-5596>.

criar um modelo sólido de um “percurso gerativo do plano da expressão”. Por isso, buscamos investigar dois modelos já consolidados na semiótica plástica para compreendê-los não como bases epistemológicas para a reformulação da área, mas como perspectivas complementares para o ensino da teoria na universidade.

Com o estabelecimento dos modelos ligados ao plano do conteúdo, como o percurso gerativo do sentido (Greimas, 2014; 1970), foi possível estender as pesquisas para o plano da expressão e a proposta sobre os formantes plásticos foi fecunda para o desenvolvimento da semiótica plástica. Assim, a pesquisa em semiótica buscou na experiência gerada pelos estudos do plano do conteúdo os fundamentos para tratar do plano da expressão. Floch (2014), por exemplo, pensou a imagem em termos mais gerais que a imediata abordagem de figuras discursivas em uma primeira leitura, ou seja, sua pesquisa explorou elementos que poderiam ser usados na análise de qualquer imagem. A invariância encontrada no plano do conteúdo poderia ser identificada no plano da expressão, pois “[...] o plano da expressão e o do conteúdo podem ser descritos, exhaustivamente e não contraditoriamente, como construídos de modo inteiramente análogo, de modo que se pode prever nos dois planos categorias definidas de modo inteiramente idêntico” (Hjelmslev, 2006, p. 63).

Os formantes plásticos trouxeram então uma possibilidade de análise dos objetos plásticos, que eram segmentados em categorias eidéticas, relativas à forma da imagem (linhas, curvas, traços etc.), cromáticas, referentes às cores, e topológicas, ligadas à disposição de formas e cores no espaço. Dessa forma, era possível fazer a análise de imagens pela descrição da relação entre essas categorias vinculadas aos seus respectivos conteúdos. Na esteira dessa abordagem, operou-se o conceito de semissimbolismo que ampliava as análises para o uso poético da linguagem.

Hjelmslev (2006) vai diferenciar as semióticas *monoplanas* das *biplanas* como sistemas simbólicos e sistemas semióticos. Nos sistemas simbólicos (monoplanos), não há uma separação estrutural entre os planos, o que caracteriza uma relação de conformidade, em que “[...] dois funtivos são conformes se não importa qual derivado particular de um dos funtivos contrai exclusivamente as mesmas funções que um derivado particular do outro funtivo, e vice-versa” (Hjelmslev, 2006, p. 117). Assim, a junção da foice e do martelo forma o símbolo do comunismo, visto que a foice representa o campesinato e o martelo os operários. É somente na configuração foice e martelo que o conceito de comunismo é associado, ou seja, a foice e o martelo significam univocamente comunismo.

Essa “mão única” do sentido só ocorre no símbolo, pois nos sistemas semióticos (biplanos), “os dois planos não devem ser conformes um ao outro” (Hjelmslev, 2006, p. 117). As unidades menores do conteúdo da língua, semas, e as suas unidades menores da expressão, femas, como também suas unidades maiores, não possuem uma única correspondência, por isso diferenciam-se dos sistemas simbólicos.

Partindo dessas duas acepções, a semiótica propõe o conceito de semissimbolismo como “a conformidade, não entre elementos isolados dos dois planos, mas entre categorias da expressão e do conteúdo” (Floch, 2014, p. 207). A respeito dessas correspondências entre os dois planos da linguagem, há, por exemplo, um caso bastante conhecido no ambiente literário, no qual o poeta francês Mallarmé associava o som da palavra nuit (noite), com vogal anterior, a um conteúdo de claridade, de luz; e o som da palavra jour (dia), com vogal posterior, a um conteúdo relacionado à escuridão; portanto, haveria uma discrepância entre a

expressão e o conteúdo dessas palavras em francês. Contudo, o sociólogo C. Lévi-Strauss reorganizou essa reflexão de Mallarmé fazendo outra relação, pois associou essas palavras não à posição da língua na boca, mas à duração das vogais. Logo, *nuit* com uma duração curta, se comparada a *jour*, estaria ligada à curta duração da noite, como na expressão *la nuit tombe* (a noite cai), e *jour* tendo uma maior duração, estaria associada à longa duração do dia (Lévi-Strauss, 1986, p. 211).

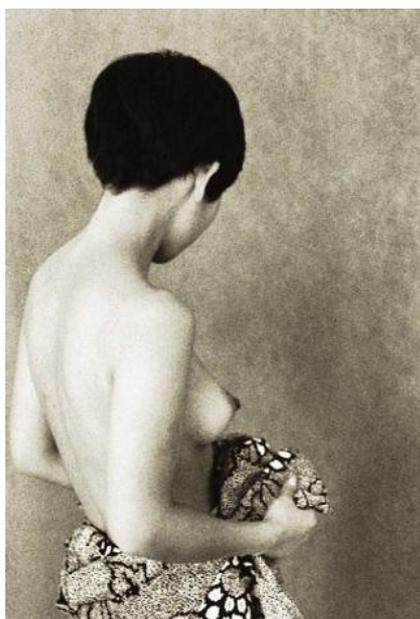
Lévi-Strauss e Mallarmé criaram determinado relacionamento de uma forma do conteúdo a uma forma da expressão; no entanto, essas correspondências não são estanques e novas relações podem ser feitas com os mesmos elementos. Se para o poeta não havia uma relação semissimbólica entre as categorias fonéticas e as categorias do conteúdo ligadas à semiótica do mundo natural, para o antropólogo, a reorganização dessas categorias, baseadas na duração, criava uma harmonia entre língua e mundo.

No entanto, é relevante salientar que ambas as possibilidades estão na língua e que esse “artifício” promove uma abordagem pertinente para tratar da linguagem poética, já que nem *jour*, nem *nuit* são elementos no mundo natural, mas, sim, construções na língua francesa.

Pelo estabelecimento dos formantes plásticos, foi possível empreender o estudo não somente da semiótica verbal, como também da semiótica plástica. Para exemplificar essa abordagem, coloca-se em evidência uma síntese da análise de Floch sobre o nu fotografado por Boubat (1972).

Ao ler a foto pelos formantes plásticos, podemos dividir topologicamente a imagem em três partes: superior, intermediária e central, que correspondem às figuras cabeça, tronco e tecido¹, no plano do conteúdo. Em relação às categorias eidéticas, vemos que tanto a cabeça quanto o tecido possuem pouco ou nenhum volume, se comparados ao tronco, cujo contraste entre luz e sombra cria um efeito de volume mais intenso.

Figura 1: Nu de Boubat.



Fonte: (Floch, 2014, p. 22).

¹ Escolhemos a figura do tecido pela incapacidade de definir o vestuário, que poderia ser um vestido, um quimono etc.

Logo, a relação entre as categorias topológicas e eidéticas dividem a imagem em intercalante (cabelo e tecido) e intercalado (nu feminino) vinculados ao volumoso vs. achatado. Poderíamos, então, dizer que os elementos intercalantes e achatados (sem volume) relacionam-se com conteúdos da cultura: corte de cabelo curto e tecido; ao passo que o elemento intercalado se liga à natureza, pois a nudez em nossa cultura ocidental proporciona esse tipo de leitura. Portanto, seria identificado o semissimbolismo na foto de Boubat (ver Tabela 1).

Tabela 1: Relações entre P. E. e P. C.

Plano da expressão	Intercalante	Intercalado
	Achatado	Volumoso
Plano do conteúdo	Cultura	Natureza

Fonte: Elaboração própria.

Essa metodologia utilizada para a abordagem do texto visual preponderou largamente nas análises semióticas; porém, ao refletirmos sobre o conceito de isomorfia, identificamos que as categorias da expressão não possuem “o mesmo tipo de relações combinatórias” que o plano do conteúdo. Além disso, a elaboração categorial prende-se de tal modo à substância daquele objeto que impede uma formulação invariante, ou seja, a existência de categorias topológicas, eidéticas e cromáticas não varia, mas conforme o objeto muda, sua substância determina quais subcategorias entrarão na análise – o que não ocorre, por exemplo, na semiótica verbal, cuja definição das invariantes é limitada. As categorias intercalante e intercalado, e achatado e volumoso não são necessariamente adequadas para a análise de outras fotos, pois estão intimamente ligadas ao texto de Boubat.

Em decorrência disso, uma vertente de análise produzida pela semiótica tensiva traz uma adequação isomórfica na abordagem do texto visual.

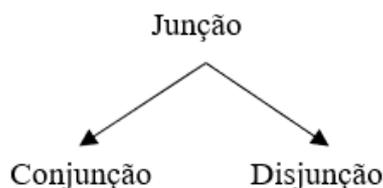
1 Semiótica tensiva

Enquanto a semiótica desenvolvida por Floch vinculou-se à perspectiva descontínua da semiótica, que se fixou como semiótica “padrão”, a tensividade veio para repensar essa mesma semiótica em termos contínuos, colocando em evidência a temporalidade. Zilberberg, sem dúvida, é o autor mais relevante da semiótica tensiva e por meio de sua pesquisa, foi possível rever as abordagens dessa semiótica tradicional, sem excluir as análises da semiótica plástica. De acordo com Lemos (2016, p. 348):

Os instrumentos propostos por essa linha trazem novas maneiras de relacionar entre si as categorias encontradas no plano da expressão e no plano do conteúdo. As categorias tensivas são bastante abstratas e vão justamente “temporalizar” as categorias semissimbólicas, ou seja, vão tratar esses opostos não mais como categóricos, mas antes como elementos de um termo complexo [...].

Com isso, o que era visto como uma relação opositiva, no exemplo de Floch, volumoso vs. achatado, intercalante vs. intercalado, na semiótica tensiva, seria apreendido como uma relação participativa, em que um terceiro elemento neutro, se partirmos da oposição, abarcaria os constituintes da oposição. Por exemplo, a oposição disjunção vs. conjunção, muito comum para tratar a relação do sujeito com o objeto, poderia ser pensada em termos de junção (ver Esquema 1), assim:

Esquema 1: Relação juntiva.



Fonte: (Tatit, 2014, p. 361).

Ora, essa é a mesma relação do termo complexo da semiótica tradicional; porém, diferentemente dessa perspectiva baseada na oposição, o termo complexo é o princípio da estrutura tensiva. Então, qual seria o ganho da mudança epistemológica?

Conforme mostrado anteriormente, a semiótica padrão não atendia o princípio do isomorfismo hjelmsleviano ao tratar de cada plano de uma forma diferente. Desse modo, a semiótica tensiva traz um modelo que usa as mesmas relações para ambos os planos, seguindo a exigência de isomorfia. Assim ocorre com a junção, que é uma função cujos funtivos (conjunção e disjunção) podem ser empregados para abordar tanto o plano da expressão quanto o plano do conteúdo.

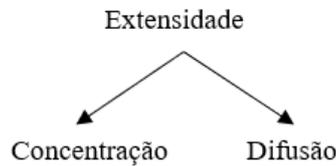
E o problema da Semiótica atualmente é o mesmo: descobrir a relação participativa, explicar como as coisas progridem a partir da busca do elemento comum. São mais procedentes as semelhanças do que as diferenças. Você só distingue coisas que tenham uma grande margem de semelhança. Portanto, a procura é sempre do elemento que integra duas coisas para que elas possam ser comparáveis. E esse elemento é sempre um eixo semântico complexo. Então, a busca pela categoria comum é a busca do termo complexo. (Tatit, 2014, p. 368-369)

A semiótica tensiva então afasta-se das categorias vinculadas à substância do objeto e promove uma estrutura mais simples, não contraditória e exaustiva. Retomamos, assim, o exemplo de Floch para analisarmos o nu de Boubat pela semiótica tensiva.

A transição de um modelo ao outro exige maior capacidade de abstração. Na oposição natureza vs. cultura, podemos verificar que os conteúdos de nudez ligados à natureza poderiam ser entendidos como concentração, pureza, ao passo que a cultura seria a difusão, a mistura: o corpo nu da modelo opor-se-ia ao corte de cabelo e ao tecido que ocultam e mudam essa pureza, expandindo-a. Do mesmo modo, o volumoso e o intercalado ocupam um espaço mais concentrado na imagem, se comparados ao achatado e intercalante; além disso, a mancha negra e opaca na parte de cima e a mescla de cores na estampa de baixo produzem um efeito difuso na apreensão das formas. Logo, os funtivos concentrado e difuso poderiam ser empregados para analisar o plano da expressão.

E o que é a concentração e a difusão, senão extensões com direções e ocupações distintas do espaço? Obtém-se, assim, o elemento participativo, extensidade, que integra os funtivos (ver Esquema 2).

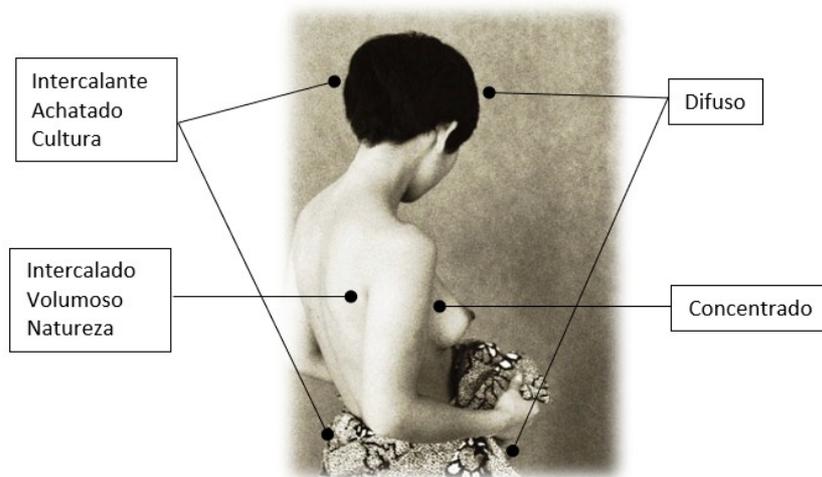
Esquema 2: Funtivos da extensidade.



Fonte: elaboração própria.

Nas duas perspectivas abordadas (ver Esquema 3), veríamos a foto de Boubat sob as categorias a seguir:

Esquema 3: Comparativo de abordagem semissimbólica.



Fonte: elaboração própria.

Nota-se que a função extensidade traz maior economia na análise, além de respeitar a isomorfia entre os planos. Maior extensidade leva à difusão e a concentração é obtida por uma menor extensidade. Portanto, a extensidade seria o elemento semissimbólico, pois articula plano da expressão e plano do conteúdo sob as mesmas categorias.

O ganho para as análises no emprego do termo complexo (oposição participativa), que une categorias sob uma função neutra, é de operar nos dois planos de modo isomórfico. Contudo, observa-se que esse poder de abstração promovido pela tensividade leva a um tal grau de generalização que se perde de vista o objeto e suas especificidades. Concentrado e difuso definem as relações do nu feminino, mas se afastam da complexidade figurativa e da provocação enunciativa a respeito da dúvida sobre o ato de despir-se ou vestir-se da modelo. Devido a essa capacidade de generalização, a exigência de uma abordagem empírica cede lugar a um problema de adequação.

2 Aspectos didáticos e epistemológicos: do concreto ao abstrato

Hjelmslev (2006) estabelece os princípios para uma teoria da linguagem, que orientam a epistemologia semiótica:

Portanto, é possível decidir sobre o valor da teoria da linguagem e suas aplicações verificando se o resultado obtido, na medida em que responde às exigências da não-contradição e da exaustividade, é ao mesmo tempo o mais simples possível. (Idem, p. 22)

Assim, ao tratar do semissimbolismo na semiótica plástica, cada linha de abordagem traz vantagens e desvantagens para a análise. Enquanto a semiótica plástica ligada a Jean-Marie Floch² carece de homogeneidade para o princípio da não-contradição, por conta da falta de categorias isomórficas entre os planos, bem como carece de maior exaustividade, já que limita o uso de subcategorias à concretude textual; a semiótica tensiva cria categorias tão abstratas que não singularizam o objeto tratado, trazendo à tona um problema de adequação. Essa disparidade das abordagens retoma a questão da dependência entre teoria e experiência (realidade) na teoria da linguagem:

Deste ponto de vista, se relacionarmos a teoria da linguagem com a realidade, a resposta à questão que consiste em saber se o objeto determina e afeta a teoria, ou se é o contrário, é dupla: em virtude de seu caráter arbitrário, a teoria é *a-realista*; em virtude de seu caráter adequado, ela é *realista*. (Hjelmslev, 2006, p. 17)

É certo dizer que a semiótica tensiva se estrutura sobre os princípios hjelmslevianos, mas essa pureza epistemológica estaria distante das exigências concretas do objeto de análise. Criam-se, assim, duas tendências de abordagem para o semissimbolismo: uma mais concreta e outra mais abstrata. Para evitar uma discussão estéril sobre a qualidade dos modelos, procuramos evidenciar a importância das duas linhas para que consigamos alcançar no plano da expressão a flexibilidade já consolidada no plano do conteúdo, pois o percurso gerativo do sentido consegue integrar conteúdos mais abstratos (nível profundo) à concretude do texto (nível discursivo), desse modo, integrando o arbitrário ao adequado (Hjelmslev, 2006, p. 17) – o que deveria ocorrer também em um modelo do plano da expressão.

Cada perspectiva, mesmo apresentando inadequações à concepção de teoria da linguagem hjelmsleviana, não é isenta de valorização. De acordo com o discurso estruturalista, pode-se afirmar que a semiótica tensiva alcança maior abstração na análise dos dois planos e por isso seria mais valorizada, apesar de sua aplicabilidade perder pertinência porque atinge tal grau de abstração que abrangeria os textos indistintamente, invalidando a singularidade analítica; ao passo que a semiótica dos formantes plásticos seria menos valorizada por ser mais concreta; porém, ganha em riqueza analítica, já que descreveria as articulações do objeto.

Sob um ponto de vista tensivo, a intensidade e a extensidade regulariam a relação entre os modelos semissimbólicos. Posto que a invariância possui maior valor dentro do discurso das ciências da linguagem, o que produziria aumento da

2 Ressalta-se que as propostas de Floch não se propunham explicitamente a ser uma abordagem arbitrária, mas, sim, adequada ao objeto de análise. Contudo, sua filiação à teoria semiótica conduziu os desdobramentos do semissimbolismo a uma perspectiva de caráter arbitrário.

intensidade; a concretude, que estaria mais próxima do objeto de análise, é mais variável e por isso seria menos intensa e a abstração estaria mais afastada e, portanto, seria mais invariável e mais intensa. Logo, quanto maior a extensidade da teoria sobre a “realidade”, maior seria a intensidade proporcionada pelo modelo científico. Com isso, não seria difícil encontrar uma tendência de apropriação da tensividade como modelo mais pertinente, mesmo que o ideal teórico seja a conjunção do arbitrário ao adequado. Retoma-se então a ideia de flexibilidade, alcançada pelo percurso gerativo do sentido, para compreender como se comportam as propostas para o plano da expressão.

Observa-se que as aproximações e os afastamentos das abordagens em questão estão em um regime concessivo: ou é arbitrário (abstrato) ou é adequado (concreto). Poderíamos afirmar assim que a formação concessiva dos modelos impediria a flexibilidade que o Percurso Gerativo alcança, já que o modelo do plano do conteúdo percorreria os polos, integrando-os implicativamente: é concreto e abstrato. Nas palavras de Hjelmslev (2006, p. 17): “A teoria da linguagem, portanto, define assim soberanamente seu objeto ao estabelecer suas premissas através de um procedimento simultaneamente arbitrário e adequado”.

Diante da incongruência das propostas, sob a égide do Percurso Gerativo, volta-se o olhar para o estabelecimento de estratégias de ensino em semiótica visual, que coloca em evidência a capacidade de abstração exigida na abordagem semissimbólica. Enquanto o modelo dos formantes plásticos, que extrai categorias mais ligadas à substância da expressão, oferece um vínculo maior com o objeto de análise, em um primeiro grau de abstração, o modelo tensivo exige maiores habilidades para esse segundo grau de abstração. Assim, estabelece-se um percurso entre as duas abordagens em que o aluno partiria do texto concreto para extrair categorias do plano da expressão e do conteúdo, articulando-as em uma relação semissimbólica, que, em um segundo momento, seria sintetizada em categorias tensivas.

Esse refinamento categorial por meio de sínteses reforça uma competência de abstração demandada pelas ciências da linguagem, em que é da concretude (fala, desempenho, processo etc.) que se chega à abstração (língua, competência, sistema etc.). As habilidades analíticas do aluno do Ensino Superior dependem dessa transposição entre concreto e abstrato. Então, sugere-se que, em relação ao semissimbolismo, uma estratégia didática pertinente seria a integração dos modelos plástico e tensivo, fazendo com que o aluno articule gradativamente as categorias do conteúdo às categorias plásticas e, por conseguinte, às tensivas. Desse modo, o percurso de aprendizagem mantém coerência com a flexibilidade do percurso gerativo do sentido, ou seja, da própria apreensão do sentido.

Além de oferecer níveis de aprendizagem para o desenvolvimento de competências analíticas, o cotejamento das propostas mostra os desdobramentos da semiótica visual ao longo do tempo, expõe suas vantagens e desvantagens epistemológicas e estimula a reflexão para a criação de modelos mais flexíveis. Devido à exigência de que os modelos semissimbólicos partam do desenvolvimento do Percurso Gerativo, a resolução dos problemas apresentados teria um grau de dificuldade maior, já que visa a conciliar os dois planos. Contudo, ao evidenciar essa tensão de abordagem, talvez, o caminho para a maior adequação, simples, exaustiva e não contraditória, se torne mais acessível.

Considerações Finais

A comparação das abordagens semissimbólicas traz consigo conflitos entre o arbitrário e a adequação (ou, em termos mais comuns, entre teoria e prática), que acompanham toda pesquisa científica em nossos tempos. Ao tratar do semissimbolismo em sala de aula, entende-se que é necessário expor comparativamente ambos os modelos ao aluno do Ensino Superior. Tal método repercute em outros conteúdos no ensino de semiótica, por exemplo, o ensino prévio do plano do conteúdo passa a exigir uma compreensão sobre a capacidade de o Percurso Gerativo do Sentido unir arbitrariedade e adequação.

Além disso, a aprendizagem do modelo mais concreto para chegar ao modelo mais abstrato desenvolverá competências de análise e síntese para que o aluno possa avaliar as abordagens com uma consciência epistemológica que favoreceria a exploração de novos caminhos para o assunto. Com isso, haveria um estímulo à compreensão do problema a respeito da isomorfia entre os planos, que afeta intensamente a compreensão de objetos sincréticos.

Nossa proposta busca promover uma reflexão (ainda incipiente) sobre estratégias didáticas para o ensino da semiótica visual, a fim de estabelecer hierarquias entre conteúdos e níveis de aprendizagem, trazendo as adversidades teóricas para o centro da discussão. Conforme demonstrado, o ensino sobre semissimbolismo exige inúmeros conteúdos prévios como o Percurso Gerativo do Sentido e a Tensividade, que partem de concepções epistemológicas diferentes, embora complementares. Esse conhecimento inicial deveria ser desenvolvido em alguma disciplina de base (Graduação ou Ensino Médio?) para que o semissimbolismo fosse considerado em um nível posterior (Graduação ou Pós-Graduação?).

Devido aos inúmeros índices, que dispensam confirmação, sobre a dificuldade de leitura dos alunos brasileiros, seja da linguagem verbal ou de imagens, em todos os níveis de ensino, a teoria semiótica pode ser uma alternativa a mais para que se alcance maior qualidade de compreensão não somente da escrita, mas, também, do mundo.

Assim, propomos que ambos os modelos deveriam ser considerados no ensino da semiótica visual, de Floch a Zilberberg, porque apresentam para o aluno um percurso didático de abstração teórica e, ao mesmo tempo, um desafio: trazer para um único modelo essa flexibilidade que transita entre o concreto e o abstrato. Ignorar uma perspectiva em favor de outra não expõe a problemática dos modelos e dificulta o desenvolvimento de uma abordagem isomórfica.

Referências

- BLOOM, Benjamin Samuel. *Taxionomia de Objetivos Educacionais*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo, Cultrix, s/d.
- FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*, abr. n. 5, pp. 19-52 São Paulo, 2003.

- FLOCH, Jean-Marie. *Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*. Pour une sémiotique plastique. Paris-Amsterdam: Hadès-Benjamins, 2014. (E-book.)
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. São Paulo: Edusp, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens: essais sémiotiques*. Paris: Éd. du Seuil, 1970.
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LEMONS, Carolina. Lindenberg. Semissymbolismo e as categorias tensivas subjacentes. *Gragoatá*, Niterói, n. 40, p. 339-353, 2016.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- TATIT, Luiz. *Todos entoam: ensaios, conversas e lembranças*. São Paulo: Ateliê, 2014.

Dados para indexação em língua estrangeira

CORRÊA, Thiago Moreira
Semi-symbolism as a didactic strategy in visual semiotics
Estudos Semióticos, thematic issue
“Contributions of semiotics and other theories of text
and discourse to teaching”
vol. 15, n. 2 (2019)
issn 1980-4016

Abstract: *In Greimassian semiotic researches, the theoretical models related to the expression plane have not been developed as much as the ones linked to the content plane. While the generative process of meaning has flexibility in integrating concrete (discursive level) and abstract (fundamental level) factors into a single model, the expression plane lacks the same versatility. Based on this methodological configuration, we verified in plastic semiotics, developed by Jean-Marie Floch, and in tensive semiotics, developed by Claude Zilberberg, the challenges facing the constitution of a model more in accordance with the content plane. Based on Tatit's semiotic discussion (2014), we will show the disjunction between these two approaches in the semissymbolism theory, departing from the Hjelmslevian premises of empiricism (exhaustiveness, non-contradiction and simplicity), arbitrariness and appropriateness. Therefore, the Flochian approach, linked to the object, would be less arbitrary and more adequate, whereas tensive semiotics, linked to the structure, would be more arbitrary and less adequate. Thus it is sought, in the exposition of these inconsistencies, a didactic strategy that develops the skills of abstraction of the students in order to provide them with the basis for the development of a solution for the integration of the planes into an isomorphic model.*

Keywords: *semi-symbolism; teaching; methodology; visual semiotics.*

Como citar este artigo

CORRÊA, Thiago Moreira. Semissimbolismo como estratégia didática na Semiótica Visual. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 15, n. 2. Dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”. Editoras convidadas: Diana Luz Pessoa de Barros, Lucia Teixeira e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2019. p. 133-142. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 18/04/2019

Data de aprovação: 20/06/2019
